

**Luz e sombra como elementos de fantasmagoria em *Kairo* (2001),
de Kiyoshi Kurosawa¹**

Dandara França de Oliveira²

Ícaro Ricarte³

Marcelo Monteiro Costa⁴

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

O presente trabalho analisa o uso de luz e sombra como elementos fundamentais para a construção da atmosfera fantasmagórica presente no filme *Kairo* (2001), de Kiyoshi Kurosawa, por meio da metodologia de análise fílmica. O estudo investiga como esses elementos visuais contribuem para a imersão do espectador na narrativa e reforçam a reflexão sobre o isolamento e a solidão em um mundo atravessado pela tecnologia digital. A fundamentação teórica se baseia no conceito de "limiares luminosos", compreendendo a luz como um elemento fronteiro entre o real e o fantástico.

PALAVRAS-CHAVE: horror; fantasmas; luz; sombra; j-horror.

INTRODUÇÃO

Desde a gênese das artes visuais, luz e sombra foram elementos indissociáveis na construção do olhar e da atmosfera estética (BORDWELL, 2008). Ainda que muitas vezes a luz tenha sido exaltada como símbolo de razão, verdade e revelação, e a sombra relegada a um papel secundário ou até mesmo negativo, ambas coexistem em permanente tensão, fundamentais na criação de significados visuais. Se por um lado a luz revela, por outro a sombra sugere, esconde e evoca o invisível, ampliando o campo do imaginário (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994). Em diversos gêneros artísticos, a presença ou ausência da sombra é manipulada conforme as intenções simbólicas do autor: ora enfatizando sua carga dramática e enigmática, ora suprimindo-a intencionalmente para evidenciar uma clareza ilusória.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação, 2º semestre do curso de Estudos de Mídia da UFPE, e-mail: dandara.franca@ufpe.br.

³ Estudante de Graduação, 9º semestre do curso de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: icaro.ricarte@ufpe.br.

⁴ Orientador do trabalho, professor e pesquisador do Departamento de Comunicação Social da UFPE, e-mail: marcelo.monteiroc@ufpe.br.

O cinema consolidou o uso do chiaroscuro narrativo, particularmente a partir do Expressionismo Alemão. Filmes como *O Gabinete do Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920) e *Nosferatu* (F. W. Murnau, 1922) estabeleceram um paradigma imagético baseado em contrastes acentuados, geometrias deformadas e sombras projetadas que representavam os estados mentais conturbados dos personagens. A iluminação passou a configurar um universo distorcido e subjetivo, em que a sombra - enquanto habitante do espaço diegético - se tornava expressão da própria narrativa (LIRA, 2008).

No contexto do cinema japonês, por sua vez, a relação entre luz e sombra adquire nuances particulares, influenciadas por uma concepção estética enraizada em princípios de equilíbrio, contemplação e integração com a natureza. A sombra, nesse imaginário, não é um mero resíduo da luz, mas um elemento vital para a criação de atmosferas poéticas e silenciosas (TANIZAKI, 1933).

É dentro dessa tradição que emerge o cinema de Kiyoshi Kurosawa, cineasta que, ao longo de sua filmografia, reelabora a linguagem do horror japonês ao incorporar atmosferas minimalistas, planos longos e uma estética do vazio que aproxima o medo da contemplação filosófica (MAIA, 2021). Em *Kairo* (2001), o diretor articula uma *mise-en-scène* assombrada por presenças quase invisíveis, sugeridas por variações luminosas que instauram a fantasmagoria como experiência sensorial e metafísica. A luz, ora difusa e esmaecida, ora ausente, atua como limiar entre o real e o fantástico, enquanto a sombra materializa a solidão, o isolamento e a desconexão digital que atravessam o enredo. Assim, a presente análise da iluminação em *Kairo* pretende investigar como os efeitos plásticos da imagem cinematográfica ampliam o horror para além do visível, instaurando uma inquietação existencial que ecoa a tradição do *kaidan* e renova o cinema de horror japonês.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A obra cinematográfica de Kiyoshi Kurosawa se insere parcialmente num contexto de transição tecnológica e ontológica da imagem fílmica, caracterizado pela passagem do suporte analógico para o digital (GUERREIRO, 2020). Esta mutação não é apenas técnica, mas sobretudo estética e filosófica, instaurando novas formas de perceber e representar a realidade - ou, mais precisamente, a irrealidade. Nesse sentido, a ideia de limiares luminosos surge como um conceito central para se pensar os modos

de emergência do fantasmático no cinema do diretor japonês. Esses limiares operam como zonas de indistinção entre o visível e o invisível, entre presença e ausência, instaurando uma espacialidade instável e permeável ao “outro-mundo” (CRUZ, 2024).

A especificidade dessa estética reside na maneira como a luz deixa de ser meramente um recurso plástico para se tornar mediadora entre planos existenciais. Ela revela, por variações tênues e ambíguas, a aparição de espectros, que não se manifestam como figuras concretas, mas como perturbações no tecido imagético. Assim, a imagem cinematográfica se torna espectral, marcada por sua desmaterialização (GUERREIRO, 2020). O “fantasma” não é apenas o tema, mas a própria condição da imagem.

Em *Kairo* (2001), as figuras espectrais não surgem por cortes convencionais, mas por deslocamentos descontínuos, movimentos fragmentados e quase coreográficos, evocando uma corporalidade quebrada que remete à linguagem do *butô*⁵, se separando da sombra mas, carregando-a em sua áurea disforme e escura. Além disso, esses corpos são revelados por ritmos visuais que desenham sua presença e indicam sua dissolução. Há um tensionamento contínuo entre o que se pode ver e o que escapa à visão, reforçado por estratégias de edição e cinematografia que operam por alternância entre presença e apagamento, informação e intervalo (CRUZ, 2024).

Esse jogo entre luz e sombra conduz o espectador a uma experiência sensorial em que os limiares não são apenas narrativos, mas ontológicos. Trata-se de uma imagem que oscila entre o mundo material e o metafísico, entre o registro físico da luz e a incorporeidade do fantasma - *yurei* -, operando como zonas de passagem e de contágio, em que o cinema se torna um dispositivo espectral - não apenas por tematizar fantasmas, mas por assumir, ele mesmo, a condição de um lugar entre o visível e o invisível.

ANÁLISE

Lançado em 2001, *Kairo* (ou *Pulse*, no título internacional) é uma obra paradigmática do cinema de horror japonês do início do século XXI. O filme mescla elementos do sobrenatural com uma reflexão sobre o isolamento humano em tempos de virtualidade crescente. A narrativa acompanha dois núcleos distintos que gradualmente se entrelaçam: Michi, uma jovem que trabalha em um viveiro de plantas e investiga o

⁵ Dança japonesa teatralizada que surgiu no Japão pós-Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de explorar a profundidade da alma e a experiência da morte.

súbito suicídio de um colega; e Ryosuke, um estudante universitário que se depara com uma série de aparições perturbadoras após acessar um misterioso site. À medida que os personagens mergulham em experiências cada vez mais desconexas da realidade tangível, o filme constrói uma atmosfera rarefeita, onde a linha entre o mundo dos vivos e o dos mortos torna-se indefinida.

Uma das sequências mais emblemáticas de *Kairo* ocorre quando o personagem Toshio Yabe entra em um apartamento vedado com fitas vermelhas - elemento recorrente na diegese, que atua como um aviso ritualizado para evitar o contato com o sobrenatural. Ao adentrar o espaço, o personagem se depara com um ambiente obscurecido por sombras, silencioso e sem mobiliário, moldando uma função narrativa mais semântica do que estética (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994). Deste modo, a ausência de móveis, por mais que possa não parecer importante, compõe o conjunto dos elementos em análise, uma vez que a ausência reforça a ideia de desconexão e vazio, já evidenciada previamente.

A câmera, propositalmente estática, inicialmente em plano aberto, recusa o dinamismo convencional dos filmes de terror e convida o espectador a permanecer imobilizado diante do desconhecido. Essa escolha formal reforça o desconforto, pois não oferece ao público a possibilidade de fuga visual, estabelecendo a mesma posição de aprisionamento que o personagem. O plano fixo obriga a contemplação prolongada da cena, intensificando a tensão à medida que a figura espectral emerge gradualmente do fundo do quadro.

A aparição da mulher-fantasma não se dá por meio de artifícios dramáticos. Ela não invade o campo visual de forma abrupta, mas se revela como uma presença latente, cuja existência parece anterior à própria chegada do personagem. Sua movimentação é desconcertante: há um descompasso sutil em seus gestos, uma fluidez perturbadora, como se seu corpo obedecesse a outra lógica motora - não inteiramente humana, tampouco caricatural. A câmera, ao manter distância, não busca explorar o rosto da figura espectral com *close-ups* reveladores, mas a apresenta como parte do espaço, dissolvendo a distinção entre corpo e arquitetura. A luz tênue, proveniente de uma única fonte, projeta sombras imprecisas que borram os contornos da personagem, acentuando a ideia de indistinção entre matéria viva e morta, ser e sombra.

Quando a mulher finalmente se aproxima e realiza o salto para fora da parede, o movimento, ao contrário do esperado, não é executado com agilidade ou violência. Ele ocorre de forma pausada, quase arrastada, como se a gravidade atuasse de maneira anômala sobre aquele corpo. O salto não é apenas um deslocamento espacial, mas uma transgressão da ontologia do próprio espaço cênico. A mulher não rompe a parede; ela parece emergir dela, como se fosse feita da mesma substância da construção. A iluminação, nesse momento, reforça a sensação de irrealidade: o rosto da figura é parcialmente revelado, mas a falta de definição impede uma identificação emocional direta, o que contribui para a sensação de desconforto contínuo, com aquilo que não é possível caracterizar, usando o mistério do desconhecido como objeto gerador de temor.

Ao ato de Toshio tentar se esconder, a câmera permanece impassível, recusando a lógica do contracampo e da alternância de planos (MAIA, 2021). É o horror não como evento, mas como condição. Assim, a cena não se limita à função de provocar susto. Ela opera como núcleo conceitual do filme, condensando as inquietações centrais de *Kairo*: a dissolução da presença, o esvaziamento das conexões humanas e a ascensão de uma forma de morte que não se anuncia com violência, mas com permanência. Nesse sentido, o horror que Kurosawa constrói é menos sobre o que se vê e mais sobre aquilo que se sente - uma angústia latente diante de um mundo que se torna, progressivamente, indiferente à existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidencia como Kiyoshi Kurosawa edifica uma experiência cinematográfica em que o horror surge da manipulação sutil da imagem e da percepção sensorial do espectador. Através de uma estética fundamentada na ambiguidade entre luz e sombra, o diretor delineia uma atmosfera fantasmagórica que desloca o foco da narrativa para uma ontologia da imagem, onde a presença se confunde com a ausência e o visível se dissolve no limiar do indizível. O corpo em tela perde sua coesão material e a própria imagem se torna um campo de tensões entre o real e o virtual.

Nesse contexto, a luz deixa de cumprir exclusivamente uma função técnica ou compositiva para operar como vetor filosófico da narrativa, capaz de instaurar zonas de indistinção que ampliam o horror para além do diegético. A sombra, por sua vez, não representa apenas o oculto, mas simboliza a dissolução das estruturas que sustentam a

identidade e a conexão entre os sujeitos. Ao articular uma linguagem marcada pela imobilidade da câmera, pela rarefação sonora e pela fragmentação do corpo, *Kairo* propõe uma reconfiguração do cinema de horror, aproximando-o de uma poética da desmaterialização. Com isso, a obra de Kurosawa reinterpreta a tradição do *kaidan* sob uma ótica contemporânea, trazendo reflexões críticas sobre a condição existencial em um mundo atravessado pela hiperconectividade e pela solidão digital.

REFERÊNCIAS

- BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema**. Papirus, 2008.
- CRUZ, Álvaro André Zeini. Limiares luminosos: a luz como elemento fronteiroço entre o físico e o metafísico em Kiyoshi Kurosawa. **INSÓLITA - Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário**, v. 4, n. 1, p. 135-154, 2024.
- GUERREIRO, Fernando. “O Fantasma é o futuro do homem” - da espectralidade das imagens no cinema de Kiyoshi Kurosawa: *Kairo* (2001). **RCL - Revista de Comunicação e Linguagem**, v. 1, n. 53, p. 93-108, 2020.
- KAIRO. Direção: Kiyoshi Kurosawa. Tóquio: Daiei Film, 2001 (119 min).
- LIRA, Bertrand de Souza. **Luz e sombra: uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema expressionista alemão e do cinema noir americano**. 2008. 326 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- MAIA, Natália Mendes. **Fantasmas no cinema de Kiyoshi Kurosawa: desaparecer, reaparecer e presentificar**. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.
- TANIZAKI, Junichiro. **Em Louvor da Sombra**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Papirus Editora, 1994.